

UM NOVO HORIZONTE NA LEITURA DO TEXTO POÉTICO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL COM O POEMA "O CÃO SEM PLUMAS" DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Maria de Lourdes Gaspar Tavares¹

Este trabalho tem por tema a identidade cultural do pernambucano, examinada em expressões lingüísticas da linguagem poética de João Cabral de Melo Neto.

Trata-se de buscar um outro ponto de vista para estudar a linguagem poética, enquanto expressão da identidade cultural e seus procedimentos de leitura.

Tem-se por pressupostos metodológicos a leitura hermenêutica conforme Jauss (1979) e Zilberman (1989) e, por critério, o ponto de vista do leitor-pesquisador.

Como se sabe, a atenção dos estudos lingüísticos, a partir da década de 60, volta-se para o uso efetivo da língua, e, dessa forma, os estudos unidisciplinares dão lugar à multidisciplinaridade, uma vez que a linguagem humana é caracterizada por diferentes naturezas, tais como a histórica, a social, a ideológica, a cultural, a neurológica, a fisiológica e a da própria língua.

Sendo assim, os estudos da linguagem procuram centrar-se no texto e no discurso que estão presentes no uso efetivo da língua. Todavia, há ainda hoje diferentes concepções para os termos texto e discurso. Este trabalho entende o texto como a expressão verbal e discurso como uma prática de interação social, institucionalizada *na e pela* sociedade, onde tal prática ocorre.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) está relacionada à Escola de Frankfurt e, de forma geral, tem por objetivo analisar o discurso com uma visão crítica, de forma a denunciar o domínio das mentes das pessoas pelo discurso. Este artigo, embora fundamentado na ACD com vertente sócio-cognitiva, tem por objetivo encontrar traços da cultura nordestina do pernambucano, memorizadas socialmente, a partir de expressões lingüísticas, efetivamente em uso na linguagem poética. A noção de cultura, a partir da multidisciplinaridade dos estudos, torna-se complexa, podendo conter significados relativos a valores sociais ideológicos, normas de condutas sociais, tradições, rituais, folclore, entre outros. Este artigo situa o termo cultura circunscrito na inter-relação das categorias analíticas Sociedade, Discurso e Cognição.

Entende-se que a sociedade pode ser definida por uma estrutura de papéis sociais, e, embora a sociedade seja o funcionamento destes papéis sociais propicia, dessa forma, a relação entre as pessoas. O discurso é uma prática sócio-interacional, pela qual se constrói socialmente as formas de se representar o mundo em língua. Todas as formas de representação do mundo são entendidas como formas de conhecimento avaliativos, ou crenças, que decorrem da projeção de um ponto de vista para se focalizar o que acontece no mundo.

¹ Doutora em Língua Portuguesa pela PUC/SP, Professora da cadeira de Língua Portuguesa na FISV/SP e de Literatura Brasileira na FIG/SP

Cada ponto de vista é orientado por objetivos, interesses e propósitos comuns que levam as pessoas a se reunirem em grupos sócio-cognitivos diferentes, na medida em que cada grupo tem seu próprio ponto de vista.

Um ponto de vista cria um determinado estado de coisas para o que acontece no mundo, e o fato de cada grupo social construir o seu próprio ponto de vista, eles estão em constante conflito entre si. O ponto de vista social dá origem, ao ser projetado, às coisas e aos seres do mundo, formas específicas de conhecimentos.

Entende-se que a Cognição é social e define-se pelas formas de conhecimentos avaliativas, que os grupos sociais têm como marcos de cognição social.

Segundo a vertente sócio-cognitiva da ACD, Sociedade, Discurso e Cognição são categorias inter-relacionadas de forma que uma se define pela outra. Assim sendo, entende-se que as formas de conhecimentos avaliativas são construídas *no* e *pelo* grupo social por meio do discurso.

Ainda segundo a ACD, a Análise do Discurso tem seu ponto de partida na fala para o discurso. Nesse sentido, há uma dialética entre o individual e o social, pois ao mesmo tempo em que o social guia os conhecimentos individuais, os individuais modificam o social, em uma interação constante. Em outros termos, os discursos públicos constroem formas de conhecimentos sociais para as pessoas, todavia estas mesmas pessoas modificam os conhecimentos sociais.

Nessa perspectiva, selecionou-se o poema *O cão sem plumas* de João Cabral de Melo Neto, que é um evento discursivo particular. Esse interage com as cognições sociais, de forma a propiciar o diálogo cultural do poeta com a sociedade brasileira, em relação ao grupo de pernambucanos que integra a região nordeste do Brasil.

O poema selecionado faz parte de trilogia, complementada pelos poemas *O Rio* e *Morte Vida Severina*.

Justifica-se a seleção do poema *O cão sem plumas* por se tratar do rio Capibaribe, que é pernambucano. O Capibaribe banha a faixa norte e leste do Estado de Pernambuco, nasce na serra de Pesqueira, no lago do Angu, e tem um curso de cerca de 285 km até chegar à cidade de Recife.

No poema analisado, para João Cabral de Melo Neto, este rio é representado por uma narrativa cujo enunciado textual apresenta:

| Situação Inicial | Fazer Transformador | Situação Final |
|---|---|---|
| ↓ | ↓ | ↓ |
| Apogeu de Pernambuco Ciclo do açúcar <i>Plumas</i> = riqueza, Fartura e luxo | Mudança para São Paulo Ciclo do café | Estagnação pernambucana Pobreza do pernambucano <i>Cão sem plumas</i> = Pobreza estagnação |

Tal enunciado é relativo a contemporaneidades diferentes, cuja Situação Final está focalizada no poema selecionado como texto-base, para a leitura da linguagem poética e sua expressão cultural.

Nesse sentido, tem-se por ponto de partida a visão de Silveira (2000) que define cultura como um conjunto de crenças relativas ao vivido e ao experienciado socialmente, de forma a construir valores que têm raízes históricas e que são modificados em cada contemporaneidade devido ao aparecimento de novas dificuldades. Por esta razão, as crenças sociais são valores que traçam normas de condutas, as quais guiam as atitudes das

pessoas para a resolução de novos problemas; dessa forma, é necessário que se articule o imaginário com a memória social, na qual está armazenada a cultura do grupo social, a fim de se projetar o futuro, resolvendo os conflitos atuais.

Nesse contexto, em *O cão sem plumas*, João Cabral de Melo Neto representa, com valor negativo, o estado atual de vida do pernambucano, ou seja, o momento de produção do poema, de forma a tematizar a estagnação, a pobreza, a fome e a podridão. O poeta faz uma denúncia do estado de abandono na qual se encontra o povo pernambucano, expresso, metonimicamente, pelo rio Capibaribe e com especificidade em sua foz, na cidade do Recife.

1. LEITURA HERMENÊUTICA-SEGMENTAÇÃO POR UNIDADES SEMÂNTICAS DO TEXTO: O RIO, A CIDADE, O CÃO

A significância é a marca da leitura hermenêutica que se caracteriza por construir a compreensão e interpretação do poema com uma atitude dominante sobre o texto.

Zilberman (1989), ao tratar da Estética da Recepção e da História da Literatura, discute a hermenêutica literária. Para tanto, retoma Jauss em suas diferentes publicações, para poder situar sua análise hermenêutica de leitura do texto literário.

Jauss (1979) apresenta a hermenêutica literária, a fim de consolidá-la, tendo por ponto de partida a reflexão a respeito da relação do processo hermenêutico com a obra literária. O autor considera, após hesitação a respeito da terminologia empregada para designar a última fase, que ela comporta três etapas que se interpenetram: compreensão, interpretação e aplicação. A recepção é o conjunto destas etapas e a hermenêutica literária compete a reflexão das propriedades estéticas da obra de arte.

Tal hesitação decorre de que o termo aplicação pode ser facilmente aceito nos casos da teologia e da jurisprudência, na medida em que, nestes casos, a interpretação de textos permite que haja transferência de seu sentido a uma situação específica. Contudo, tal processo não parece ser tão claro no caso da literatura.

Para o autor, a interpenetração das três etapas fundamenta-se na lógica da pergunta e da resposta, pois a compreensão equivale a compreender algo como resposta (apud Zilberman, p. 67-8). Para Zilberman, tal afirmação contém implícita uma proposta metodológica, ou seja, se o texto corresponde à resposta, compreendê-lo significa chegar às perguntas as quais respondeu.

A autora justifica sua conclusão citando Jauss:

a hermenêutica literária conhece essa relação de pergunta e resposta a partir da sua prática interpretativa, quando se trata de compreender um texto do passado na sua alteridade, ou seja: recuperar a pergunta para a qual ele, inicialmente, foi a resposta, reconstruindo a partir daí, o horizonte existencial de perguntas e respostas, dentro do qual a obra originalmente se inseriu.(p. 68)

Logo, para haver a construção da representação, enquanto forma de conhecimento na memória de trabalho do leitor, ele deve construir uma relação que integre os fragmentos enunciados linearmente no texto, de forma alinear. Para tanto, a coesão é construída por um movimento de progressão – retroação, de forma recursiva, ou seja, o leitor heurísticamente

segue a linearidade do que o texto traz representado em língua, progredindo a fim de captar o que o texto traz representado em sua linearidade; mas, a todo momento retroage, a fim de estabelecer a coesão entre os segmentos lingüísticos e poder, assim, construir um n-tuplo de proposições a serem integradas por um modelo de situação e este é projetado na memória de trabalho, quando os itens lexicais chaves são reconhecidos.

Nesse sentido, no que se refere ao rio Capibaribe, como se disse, as estrofes trazem representado, em linguagem poética, quatro unidades referenciais, tomadas como ponto de partida para a representação poética condensada do poema *O cão sem plumas*: a cidade, o cachorro, a espada, a fruta.

Como já foi indicado, o poema *O cão sem plumas* é redesignado por Capibaribe. Este rio, na expressão poética, está focalizado em sua passagem pela cidade do Recife, desaguardo no mar. Esta focalização é poeticamente representada pelas seguintes comparações: o rio passa a cidade assim como um cão passa pela rua e assim como uma espada passa uma fruta.

Este item apresenta um reagrupamento de segmentos do textos que são relativos a essas três metáforas que se constroem por metonímias, devido às relações de causa e efeito, produzidas pela oposição por antítese das adjetivações explícitas e implícitas, relativas a tempo anterior e posterior da vida na cidade do Recife e nas margens do rio Capibaribe.

A partir de uma leitura alinear, constata-se que a **cidade** é a designação do referente **Recife**, que é progredido por designações das partes *palácios de costas para o rio, sobrados, casas, hospital, asilo, penitenciária, famílias, louco, cozinhas, caldeirões, grandes galpões da beira do cais, pontes, praça*.

As adjetivações explícitas são restritivas e relativas a um tempo posterior, de forma a manter implícitas as adjetivações de um tempo anterior:

| Tempo anterior | Tempo posterior |
|---------------------------------|------------------------------------|
| Algo de progresso | Algo de estagnação |
| Palácios novos e bem tratados | Palácios cariados, comidos de mofo |
| Casas bem pintadas | Casas de lama |
| Horizontes com ar puro | Horizontes que cheiram à gasolina |
| Gorda cidade de luxo, opulência | Magra cidade de rolha |
| Sobrados gordos, com fartura | Sobrados ossudos, famintos |

A antítese decorre da manutenção substantiva que representa em língua uma cidade de opulência e progresso, que é adjetivada na representação da cidade atual, que mantém suas construções do passado, todavia está estagnada, suja, mal cheirosa, pobre e faminta.

A partir de uma leitura alinear, constata-se que **rio** é a designação do referente **Rio Capibaribe**, que deságua em Recife, percorrendo 285 quilômetros pelo estado de Pernambuco. No poema, a designação do todo Capibaribe é progredido por designações das partes com valores negativos: *não sabia dos peixes de água, flores pobres e negras, flora suma e mendiga, caranguejos, lodo, ferrugem, lama, mucosa, polvos, mangues de folhas duras e crespos como negros, cadela fecunda, nunca explode, parto fluente e invertebrado, fecundidade pobre, grávido de terra negra, ondas densas e mornas, uma cobra, água madura, camarão e estopa, água derramada, cachorro, espesso, real*.

As adjetivações explícitas são restritivas e relativas a um tempo posterior do percurso do rio, em relação à sua nascente; são ainda relativas a um tempo posterior, ou seja, o rio que passa atualmente pela cidade do Recife. Dessa forma, mantêm-se implícitas as adjetivações de um tempo anterior, quando o Capibaribe passava pelo Recife. A partir dos explícitos, têm-se os implícitos:

| Tempo anterior | Tempo posterior |
|------------------------------------|--|
| Sabia dos peixes | Nada sabia dos peixes |
| Na foz, sabia dos caranguejos | Antes da foz, já sabia dos caranguejos |
| Água limpa | Ferrugem |
| Água fluida | Lodo |
| Massapê | Lama |
| Água que transbordava | Mucosa |
| Mangues com flores ricas e brancas | Mangues com flores pobres e negras |
| Polvos | Talvez, polvos |
| Água verde | Água madura |
| Algodão | Estopa |
| Água transbordada | Água derramada |
| Porcos selvagens, nas margens | Cachorros magros e errantes |
| Navegável | Não navegável, espesso |
| Sonhos | Real |
| Flora expandida e rica | Flora sume e mendiga |
| Ser rio e não cachorro | Cadela fecunda |
| Sempre explode com suas águas | Nunca explode |
| Fluido de terra branca | Grávido de terra negra |
| Ondas leves e frias | Ondas densas e mornas |

A antítese decorre da manutenção substantiva que representa em língua um rio que teve grande importância histórica e social na formação e no desenvolvimento de Pernambuco e da região Nordeste do Brasil, que é adjetivado pela representação de um rio atual que mantém algumas características do passado, relativas a seu curso, mas está sujo, poluído, tornando-se lama espessa e estando estagnado.

A partir de uma leitura alinear, constata-se que o *outro rio* é a designação do referente Rio Capibaribe do passado, no qual podiam ser vistas, no século XIX, pessoas que veraneavam e tomavam banho em suas margens, que é progredido, no tempo atual do poema, por designações das partes *nada sabia da chuva azul, da fonte cor-de-rosa, da água do copo de água, da água de cântaro, dos peixes de água, da brisa na água, jamais se abre aos peixes, ao brilho, à inquietação da faca que há nos peixes, jamais se abre em peixes, aquele rio saltou alegre em alguma parte?, foi canção ou fonte em alguma parte?*

As adjetivações explícitas são restritivas e relativas a tempo anterior/posterior, de forma a manter poucas adjetivações, de um tempo anterior, implícitas:

| Tempo anterior | Tempo posterior |
|---|---|
| Aquele rio | O outro rio |
| Saltou alegre em alguma parte | Desceu vertendo lágrimas |
| Foi canção ou fonte em alguma parte | Aquoso pano sujo dos olhos de um cão |
| Sabia da chuva azul | Nada sabia da fonte cor-de-rosa |
| Sabia da água do copo de água | Nada sabia da água do copo |
| Sabia da água de cântaro | Nada sabia da água de cântaro |
| Sabia dos peixes de água doce | Nada sabia dos peixes de água doce |
| Sabia da brisa na água | Nada sabia da brisa na água |
| Sempre abre-se aos peixes | Jamais se abre aos peixes |
| Sempre abre-se ao brilho | Jamais se abre ao brilho |
| Abre-se à inquietação da faca que há nos peixes | Não se abre à inquietação da faca que há nos peixes |
| Sempre abre-se em peixes | Jamais se abre em peixes |
| Aquele rio saltou alegre | Aquele rio não saltou alegre |
| Foi canção ou fonte em alguma parte | Não foi canção ou fonte em alguma parte |

A antítese decorre da manutenção substantiva que representa em língua um rio que, como se disse, teve importância fundamental para a região, que é adjetivado pela alegria na representação de um rio atual que mantém algumas características do passado, mas está com lágrimas, como pano sujo. Aquele rio *Não sabia da chuva azul, da fonte cor-de-rosa, do copo de água, da água de cântaro, dos peixes de água e da brisa na água; jamais se abre aos peixes, à inquietação das facas que há nos peixes, jamais se abre em peixes*. O outro rio *saltou alegre, foi canção ou fonte em alguma parte* e teve água potável.

A partir de uma leitura alinear, constata-se que o referente **Rio Capibaribe** é progredido por designações que adjetivam suas partes, tais como: *água fruta de alguma árvore, iam pousar moscas, maçã espessa*.

As adjetivações explícitas são restritivas e relativas a um tempo posterior, de forma a manter implícitas as adjetivações de um tempo anterior:

| Tempo anterior | Tempo posterior |
|-----------------------|-----------------------------------|
| Água limpa e fluida | Água fruta densa de alguma árvore |
| Não pousavam moscas | Iam pousar moscas |
| Água fértil | Maçã espessa |

A antítese decorre da manutenção substantiva que representa em língua *o outro rio* que, como se sabe, além de importantíssimo para a riqueza e desenvolvimento do estado de Pernambuco; *O outro rio* está em relação *àquele rio*, que é adjetivado para a representação negativa de um rio sujo, estéril, mal cheiroso, cheio de moscas, podre e denso.

A partir de uma leitura alinear, constata-se que **cachorro** e **cão** são as designações do referente Rio Capibaribe, que é progredido por designações adjetivas de suas partes *o rio ora lembrava a língua mansa de um cão, era como um cão sem plumas, como um cão humilde e espesso, cão saqueado, cão assassinado, árvore sem voz, um pássaro, alguma coisa roem tão fundo, cachorro teme uma porta entretanto aberta, cão agudo, sangue de um cachorro*.

A língua portuguesa tem duas designações para um mesmo referente: *cão* e *cachorro*. A primeira é erudita e a segunda popular. Como se pode verificar na progressão enunciativa do texto, a seleção inicial é *cão/cadela* que no final passa a *cachorro*.

As adjetivações explícitas são restritivas e relativas a um tempo posterior, de forma a manter implícitas as adjetivações de um tempo anterior:

| Tempo anterior | Tempo posterior |
|----------------------------|--|
| Água que explode | Língua mansa de um cão |
| Cão com plumas | Cão sem plumas |
| Cão orgulhos fluido | Cão humilde e espesso |
| Cão com posse plena | Cão saqueado |
| Cão vivo | Cão assassinado |
| Árvore com voz | Árvores sem voz |
| Muitos pássaros | Um pássaro |
| Saúde plena | Alguma coisa rói fundo |
| Cão que não teme | Cachorro que tem até uma porta semi-aberta |
| Cão redondo | Cão agudo |
| Não tem sangue de cachorro | Sangue de um cachorro |

A antítese decorre da manutenção substantiva que representa em língua um rio que, é adjetivado na representação de um rio humilde, espesso, saqueado, assassinado, sem voz, medroso.

A partir de uma leitura alinear, constata-se que a *espada* é a designação do referente **Rio Capibaribe**, que é progredido por designações das partes *jamais se abre aos peixes, ao brilho, à inquietação da faca que há nos peixes, como uma espada de líquido espesso, (a cidade é fecundada) por aquela espada, que se derrama, úmida gengiva de espada*.

As adjetivações explícitas são restritivas e relativas a um tempo posterior, de forma a manter implícitas as adjetivações de um tempo anterior:

| Tempo anterior | Tempo posterior |
|--------------------------------------|--------------------------------------|
| Espada de líquido leve | Espada de líquido espesso |
| Espada que não se derrama | Espada que se derrama |
| Seca gengiva | Úmida gengiva |
| Sempre se abre à inquietação da faca | Jamais se abre à inquietação da faca |

A antítese decorre da manutenção substantiva que representa em língua um rio que é adjetivado no tempo anterior com valores positivos e, no posterior, com valores negativos.

A língua portuguesa tem dois vocábulos: espada e faca.

Segundo Aurélio (1988):

Espada- Arma branca, formada de uma lâmina comprida e pontiaguda, de um ou mais gumes.

Faca- Instrumento cortante, constituído de lâmina e cabo. Utensílio de madeira, osso, metal, para cortar papel.

Como se pode verificar na progressão enunciativa do texto, a seleção inicial é *espada*, uma vez que tal instrumento foi importantíssimo para as guerras e conflitos internos e externos pois, desde sua colonização, a história de Pernambuco, especialmente a região de Recife, é permeada de revoltas e conflitos: desde a chegada dos portugueses, na luta com os índios que ali viviam; tempos depois com a invasão dos holandeses, a luta de reconquista territorial dos portugueses. Os pernambucanos se orgulham de seus ideais libertários e de suas lutas entre eles, tanto que, inclusive, o hino pernambucano é uma poesia acompanhada de música em honra aos bravos guerreiros daquele Estado. Dessa forma, a espada que foi instrumento participante do fausto, riqueza, posse de terras, coragem e de altos ideais libertários, no poema, no tempo focalizado pelo poeta, a *espada* da milícia é designada na progressão do texto faca, objeto cortante de uso cotidiano.

Este item apresenta os resultados obtidos de uma leitura hermenêutica que progride e retroage na linearidade enunciativa.

Em síntese, as unidades temáticas analisadas são apresentadas na primeira estrofe da parte I. A leitura realizada buscou, no intratexto, resolver o problema construído pelas perguntas obtidas da leitura heurística. Assim sendo, têm-se três metáforas iniciais: 1) a cidade é passada pelo rio = 2) a rua é passada pelo cão = 3) a fruta é passada pela espada.

Dessa forma, cidade = rua = fruta. Em outros termos, cidade é redesignada rua e, por sua vez, ambas são redesignadas *fruta*.

Da mesma forma, rio = cão = espada. A designação *rio* é redesignada *cão* e ambas são redesignadas *espada*.

Os sentidos produzidos, durante a busca alinear intratextual, indicam que:

O rio Capibaribe está focalizado, no poema, no passar pela cidade do Recife *a cidade é passada pelo rio*, as margens do rio são redesignadas rua, o que propicia redesignar o *aquele rio* por *cão*, pois o seu curso corre docilmente controlado pelas suas margens. Como o rio é espesso, sujo, lamacento, envolve a cidade com sua lama, de forma a fecundá-la em fruta podre.

As relações temporais propiciam a progressão semântica de *rio-cão* com *plumas-riqueza* > *rio-cão-cachorro sem plumas-mendigo*, faminto, sujo. O mesmo ocorre com a progressão de *rio-espada* que passa a cidade do Recife progressista-opulenta-de luta ambiciosa pela sua conquista > o rio-faca que corta, sujando, a cidade-lama-suja-estagnada-faminta do atual Recife.

LEITURA HERMENÊUTICA: A BUSCA DA EXPANSÃO SEMÂNTICA DOS SUBTÍTULOS DO POEMA

O problema construído durante a leitura heurística é relativo, inicialmente, ao título do texto-base. Com base na leitura heurística, foi possível se construir o problema para o leitor-analista: o atual rio Capibaribe é diferente do rio Capibaribe em outro momento. A que o poeta se refere? O rio Capibaribe em sua fábula poética é uma narração alegórica destinada a ilustrar qual preceito, sendo visto como lenda de que, na imaginação do poeta?

Em busca de respostas procurou-se pela alinearidade do poema a expansão de seu título, *Cão sem plumas*.

Como se pode verificar, *cão sem plumas* é a designação do referente *Aquele rio, o rio Capibaribe*, no tempo focalizado pelo poema.

A expressão *cão sem plumas* é expandida e redesignada por *Homens sem plumas* = Homens que vivem às margens do Rio Capibaribe, de forma a humanizar o rio.

O poema progride com a expansão sêmica do conteúdo da expressão que é o seu título: *um cão sem plumas é mais que um cão assassinado, um cão sem plumas é quando uma árvore com suas raízes no ar, é quando um pássaro é sem voz, é quando a alguma coisa roem tão fundo até o que não tem*. Com essa progressão, verifica-se a relação entre dois tempos:

| Tempo anterior | Tempo posterior |
|-------------------------------|-----------------------------------|
| Cão vivo, ativo, progressista | Cão morto, assassinado, estagnado |

Ao se estabelecer a similitude entre *cão sem plumas* = homens sem plumas, ocorre a progressão do verbo saber > conhecer: *o rio sabia daqueles homens sem plumas, sabia de suas barbas expostas, de seu doloroso cabelo de camarão e estopa, mas ele conhecia melhor os homens sem plumas, estes secam até sua mais funda caliça, ainda mais além de sua palha, mais além da camisa que não têm, muito além do nome, mesmo escrito na folha do papel mais seco*.

A progressão temporal é mantida, assim como as adjetivações explícitas continuam restritivas e relativas a um tempo posterior, de forma a manter implícitas as adjetivações de um tempo anterior:

| Tempo anterior | Tempo posterior |
|-------------------|---|
| Cão com plumas | Cão sem plumas |
| Homens com plumas | Homens sem plumas |
| Vivos, autônomos | Assassinados, dominados |
| Ricos, poderosos | Pobres, vencidos, mais que assassinados |

A progressão continua pela similitude estabelecida entre *homens sem plumas* = camarão e estopa, *sabia de suas barbas expostas, de seu doloroso cabelo de camarão e estopa*. Ao se expandir o conteúdo semântico de *homens sem plumas*, o poeta explicita: *estes secam até sua mais funda caliça, não estão mais além da palha, estão mais além de sua palha, mais além da camisa que não têm, muito além do nome mesmo escrito na folha do papel mais seco*.

As palavras *funda caliça, palha e folha do papel mais seco* progridem semanticamente *os assassinados* que se tornam *secos, sem vida, só lama e estagnação*.

Como se pode verificar a antítese é mantida, de forma a opor valores positivos em um tempo anterior / valores negativos, em um tempo posterior.

É importante situar o extratexto que mesmo antes do período colonial, Pernambuco foi habitado por pescadores indígenas e, após, além dos portugueses que foram para lá, também foram muitos colonos europeus e depois os holandeses, que trouxeram artistas, cientistas e engenheiros. Além deles, pelos ideais libertários, destacaram-se figuras importantíssimas tanto da política, da sociedade e até da Igreja. Como se disse, os pernambucanos sempre foram orgulhosos de suas raízes históricas, sociais e de luta, tendo-se registros, inclusive, da luta durante a ditadura, no Brasil. Hoje, estão sem *status* social,

sem reconhecimento, sem expressão: estão sem plumas, foram saqueados, assassinados, só lhes restou um nome escrito em papel muito seco.

**RIO ⇔ HOMEM ⇔ LAMA ⇔ ABANDONO ⇔ MISÉRIA ⇔ ESTAGNAÇÃO ⇔
DECADÊNCIA ⇔ DISSOLUÇÃO**

A progressão de *rio > homem*, humaniza o *rio* e desumaniza o *homem*, tornando-se ambos lama preta, suja, densa em estado de estagnação.

As adjetivações explícitas são restritivas e relativas a um tempo posterior, de forma a manter implícitas as adjetivações de um tempo anterior:

| Tempo anterior | Tempo posterior |
|-------------------------------------|---|
| Rio/homem/vida fluvial e marítima | Rio=homem=vida fluvial e marítima |
| Homens ricos | Mendigos negros de lama |
| Capas | Capas de Terra negra |
| Botas e luvas | Botinas ou luvas de terra negra |
| O pé ou a mão no trabalho | O pé ou a mão que mergulha |
| Movimentavam-se em terra | Plantados em ilhas |
| Homens com plumas | Homens sem plumas |
| Barbas feitas | Barbas expostas |
| Cabelos bem tratados | Dolorosos cabelos |
| Homens bem nutridos | Homens Ossudos |
| Roupas caras | Todos vestidos de brim |
| Não secam até sua mais funda caliça | Secam até sua mais funda caliça |
| Aqueles plantam e progridem | Estes secam |
| Chapéu de nobres | Mais além da palha de seu chapéu |
| Têm camisa | Não têm camisa |
| Têm nome | Além do nome |
| Não se perdem | Se perdem lentamente |
| Com dentes | Sem dentes |
| Mantêm-se homens | Se rompe o fio do homem |
| Homem está além do homem | Homem está aquém do homem |
| Sem ossos do ofício | Sem ossos do ofício |
| Capazes de sangrar | Capaz de sangrar? |
| Capazes de gritar | Capaz de gritar? |
| A moenda não lhes mastiga o braço | Moenda lhe mastiga o braço |
| Capaz de ter a vida integral | Capaz de ter a vida mastigada, dissolvida |

A progressão semântica mantém, intratextualmente, a antítese temporal com valores positivos/valores negativos. Estes, extratextualmente, resgatam que nas raízes históricas, tempo anterior, os pernambucanos sempre tiveram *status* de bravura, sendo homens guerreiros, rebeldes, agitados que residiam em grandes fazenda com engenhos ou que eram mascates e ainda pequenos comerciantes, estando a se deslocar pelo rio. No tempo atual, estão plantados na lama, plantados em ilhas, miseráveis, uma legião de famélicos, doentes,

anônimos, ossudos, praticamente nus, que vivem em buracos. Não têm voz, não gritam, não reclamam nem mesmo falam, estão aquém do homem, pois rompem o fio do homem. Não são homens. Estão dissolvidos na espessura da lama do rio.

Além do título, o poema é composto por quatro partes que se constituem em quatro subitens: a) *I-Paisagem do Capibaribe*; b) *II - Paisagem do Capibaribe*; c) *Fábula do Capibaribe*; d) *Discurso do Capibaribe*.

Este item apresenta, uma leitura hermenêutica, o exame da progressão semântica de cada uma dessas partes:

I PAISAGEM DO CAPIBARIBE

I - Paisagem do Capibaribe: das predicções indicadas anteriormente e propostas por Aurélio (1988), o autor progride esta parte pela seleção da primeira predicção: *Espaço de terreno que se abrange num lance de vista*.

Em um lance de vista, o poeta ao observar o rio Capibaribe e a cidade do Recife viu o movimento suave, lento e repetitivo das águas do rio:

- *a língua mansa de um cão*

Além disso, atinou que é um rio sem alimentos:

- *o ventre triste de um cão*

Notou também sua esterilidade:

- *o rio cresce sem nunca explodir*.

Descobriu ainda que sua flora e fauna são pobres e reduzidas:

- *abre-se numa flora; suma e mais mendiga; sabia dos caranguejos*.

II PAISAGEM DO CAPIBARIBE

No que se refere a este subtítulo o poeta selecionou do vocábulo *Paisagem* a predicção *em um lance de vista*.

Assim, pode observar no rio Capibaribe homens pobres e famintos que moram e sobrevivem como coágulos, como anfíbios:

de homens plantados na lama; plantados em ilhas; coagulados na lama; paisagem de anfíbios.

Além disso, situa grandes construções em seus cais, que cheiram à gasolina: *dos grandes galpões da beira dos cais; escancarados; aos horizontes que cheiram a gasolina*.

O poeta verifica também a dificuldade de se reconhecer onde começa o rio, uma vez que este está coberto de lama:

Difícil é saber; onde começa o rio; onde a lama; começa do rio; onde a terra; começa da lama.

Finalmente, tem dificuldade de reconhecer o homem, no homem que vê se perdendo, se rompendo, se desfazendo, se dissolvendo, naquele rio:

num homem se rompe; o fio de homem; na água do rio; se vão perdendo; onde começa o homem; naquele homem; a vida mastigada; e não apenas; dissolvida

A FÁBULA DO CAPIBARIBE

No que se refere a este subitem, o poeta selecionou do conteúdo do vocábulo *Fábula*, conforme Aurélio (1988) as seguintes predicções 1. *uma narração alegórica em verso ou em prosa, destinada a ilustrar um preceito.* 2. *Narração de coisas imaginárias, ficção.* Nesse sentido, o poeta registra o encontro do rio com o mar e como é esse mar. Este, como se fosse uma bandeira azul e branca, rói, corrói, come e se come, incessante e vorazmente as praias, desenhando esqueletos, e qual um professor de geometria, formas geométricas:

no extremo do rio; o mar se estendia; como camisa ou lenço; que o mar está sempre; com seus dentes e seu sabão; roendo suas praia; polindo esqueletos; elaborando esqueletos; o mar e seu estômago; que come e se come; o mar e seu tão puro; professor de geometria.

O rio teme o mar, pois este além de se fechar ao rio, devolve tudo o que o rio nele joga; invade-o e destrói tudo o que nele existe:

primeiro; o mar devolve o rio; o mar se fecha; a tudo o que no rio; são flores de terra; depois; o mar invade o rio; quer o mar; destruir no rio; suas flores de terra inchada..

DISCURSO DO CAPIBARIBE

No que se refere ao subitem *Discurso do Capibaribe*, segundo Aurélio (1988), o vocábulo *Discurso* é definido por *ação de correr por ou para várias partes.* 2. *Peça oratória proferida em público ou escrita como tivesse de o ser.* 3. *Exposição metódica sobre certo assunto.* 4. *Oração, fala.* 5. *Raciocínio, discernimento.* O poeta seleciona as predicções 1 e 3.

Dessa forma, para o poeta, o rio Capibaribe está em sua memória como um cão vivo, em todos os ambientes, em todos os lugares, em torno de tudo o que vê. Esse rio é espesso, como a maçã que o homem vê e não pode comê-la; é espesso como a fome; é espesso porque tem uma fábula também espessa. É mais espesso que sementes, flores, frutas, árvores. Mas, segundo o poeta, o rio é espesso, porque a vida do homem se luta, se ganha, se vive, se conquista, a cada segundo, a cada dia, sempre:

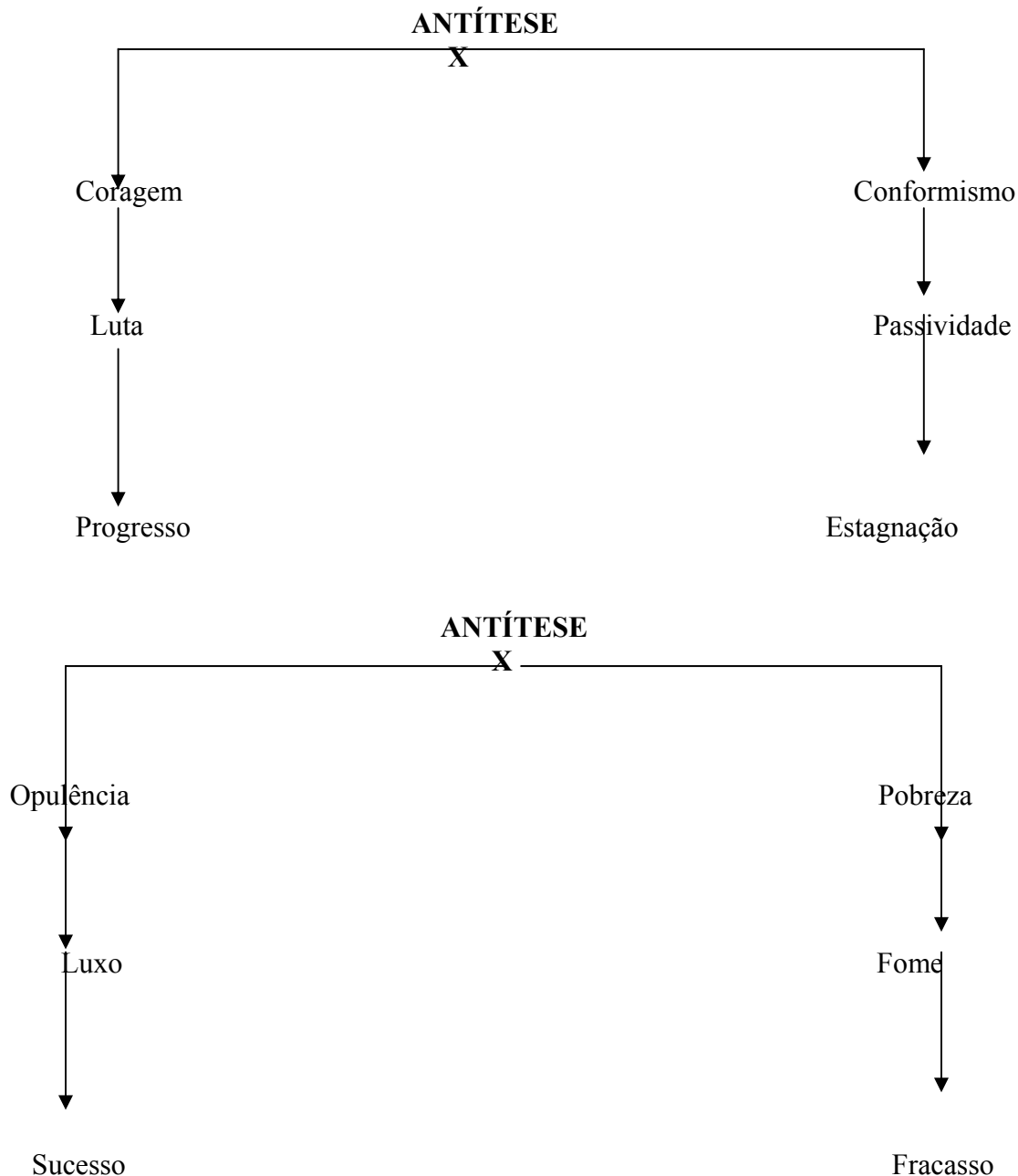
espesso; como uma maçã é espessa; se um; mem a consome; a fome que a vê; por sua fábula espessa; como uma fruta; que sua flor; como a árvore; é mais espessa; que sua semente; como uma flor; é mais espessa espesso; porque é mais espessa; a vida que se luta; cada dia; conquistando seu vôo.

Os resultados obtidos foram organizados pelos seguintes itens:

- a. segmentação por unidades semânticas do texto, o rio, a cidade, o cão e
- b. a busca da expansão semântica dos subtítulos do poema.

Os resultados obtidos indicam que a agramaticalidade é resolvida pela seqüência textual de substantivos e seus correspondentes adjetivos, de forma a progredir textualmente o tipo descritivo. Dessa forma, verificou-se que o poema progride, também, por um eixo narrativo: no explícito, o tempo posterior, *cão sem plumas*, e no implícito, o tempo anterior, *cão com plumas*.

A designação *cão* apresenta similitude com a designação *espada*, de forma a construir a antítese:



Ao se concluir este artigo, afirma-se que esta investigação não se quer conclusiva. Trata-se da abertura de novas perspectivas que se apresentam como um novo horizonte da leitura do texto poético.

O trabalho apresentado situa um diálogo possível com o poema *O cão sem plumas* de João Cabral de Melo Neto. Este diálogo é um evento discursivo particular que se intertextualiza, em discursividades com os marcos de cognição social.

Para o poeta, o pernambucano está estagnado e mantém as suas crenças voltadas para o passado, na época do seu apogeu. O poeta João Cabral de Melo Neto, com linguagem poética, conflitua com esta estagnação e busca intervir para alterar esses aspectos identitários, da cultura dos ribeirinhos, do rio Capibaribe.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, F. de. **Idéias fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHACON, V. **O Capibaribe e o Recife: história social e sentimental de um rio**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1959.

FREIRE, G. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**, 1942.

_____. **Casa-Grande & senzala** - Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil -1. 46. ed. São Paulo: Record, 2002.

GONÇALVES, F. A. **O capibaribe e as pontes: dos tempos bravios aos futuros já chegados**. Recife: Comigraf, 1997.

HANDELMANN, H. **História do Brasil I**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAUSS, R. *et alii*. **A literatura e o leitor**. Rio: Paz e Terra, 1979.

KINTSCH, W. & VAN DIJK, T. A. **Strategies of discourse comprehension**,. New York: Academic Press, 1983.

MOREIRA, I. **O espaço geográfico**. Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2000.

SELLAN, A R. B. **Cognição, Discurso e Sociedade: Aspectos da Identidade Cultural do Paulista e os Descaminhos da Revolução de 1932**. Tese de doutorado. PUC/SP, 2001.

SILVEIRA, R. C. P. "Leitura: produção interacional de conhecimentos". In: Neusa Barbosa Bastos (org.). **Língua Portuguesa – História, Perspectivas, Ensino**. São Paulo: EDUC, 1998.

TAVARES, M.L.G. **Um novo horizonte na leitura do texto poético: o resgate da identidade, da cultura e da ideologia do Pernambucano, diálogo possível com o poema O cão sem plumas de João Cabral de Melo Neto**. Tese de doutorado. PUC/SP, 2004.

VAN DIJK, T. A. **La Ciencia del Texto**. Buenos Aires: Paidós. 1978.

_____. **Estructure y Funcione del Discurso**. 6. ed. aum. México: Siglo-VEINTIUNO, 1989.

_____. **Cognição, discurso e interação**. Trad. Bras. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Racismo y análisis crítico de los medios**. Barcelona: Paidós, 1997 a.

_____. **Discourse as Socia Interation**. Discourse Estudios: A Multidiplinary Introduction. Vol. 2. London: Sage Publications, 1997 b.

_____. (1988). **Ideologia: uma aproximação multidisciplinar**. Barcelona: Gediva, 1999.

_____. **El discurso como interacción social - estudios del discurso II: introducción multidisciplinaria**. Trad. Espanhola. Barcelona: Gedisa, 2000.

VERNIERI, S. **O capibaribe de João Cabral em O cão sem plumas e O rio: Duas Águas?** São Paulo: ANNABLUME, 1999.

VIGNEAUX, G. "Intertextualidade, Norma e Legibilidade". In Galves, C. & ORLANDI, E. ZILBERMAN, R. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

